

E catou pella nave e nom viu rem, que a noite era muito escura **Sobre o estatuto de *rem* em Português Antigo**

Clara Pinto

Universidade de Lisboa, CLUL

Abstract:

This article presents the grammaticalization path of the item *rem* as an indefinite minimizer (cf. Pinto 2015) in Old Portuguese. Originating from the common noun *rem*, the indefinite minimizer presents several features that indicate it was on its way to become a more functional item. It could be distinguished from the common noun *rem* due to its lack of referential meaning and other nominal properties such as the absence of ϕ -features and the occurrence as a bare noun. Nevertheless, it disappears very early from the language, not going beyond the status of a weak negative polarity item. One of the reasons that is believed to have favoured its disappearance was the competition with other identical items, namely the indefinite minimizer *cousa* ‘thing’ and the negative indefinite *nada* ‘nothing’. Contrary to what is verified for Portuguese *rem*, in other Romance languages such as Catalan or French, the descendants of the Latin *res* survived as polarity items (Catalan *res*, French *rien*), although with different degrees of grammaticalization.

Keywords: negation, minimizers, Jespersen Cycle, Old Portuguese

Palavras-chave: negação, minimizadores, Ciclo de *Jespersen*, Português Antigo

Introdução

Embora o Latim Clássico fosse uma língua de dupla negação¹ (cf. Gianollo, 2016:116), nenhuma das línguas românicas conservou esta propriedade. Pelo contrário, as línguas românicas apresentam-se como línguas de concordância negativa², sendo os seus marcadores de negação pós-verbais considerados inovações resultantes do Ciclo de *Jespersen* (cf. Gianollo, 2018:141). Ao contrário do que seria espectável, a presença de um elemento negativo pós-verbal não anula a negação pré-verbal, dando lugar a uma interpretação positiva. Em vez disso, os dois elementos negativos estabelecem uma relação de concordância entre si, havendo lugar a uma única instância de negação. A natureza dos elementos que interagem com o marcador de negação pré-verbal é habitualmente a mesma na maioria das línguas românicas. Os candidatos mais frequentes são os indefinidos negativos e os minimizadores (cf. Horn, 1989).

Em Português Antigo encontramos três tipos diferentes de itens que poderiam entrar em estruturas de concordância negativa: os indefinidos negativos (como *nada* ou *ninguém*), os minimizadores indefinidos (como *rem* ou *homem*) e os minimizadores partitivos e valorativos (como *nemigalha* ou *caracol*). Não obstante as diferenças sintáticas e semânticas entre estes itens, todos eles começam por ser itens de polaridade negativa (IPNs) fracos (na aceção de Martins 2000), ocorrendo nos chamados contextos não-verídicos (cf. Giannakidou, 2011). Isto significa que podiam ocorrer em contextos negativos, mas sempre sob o escopo de um operador de negação lexicalmente realizado (como *nom/não*), mesmo quando em posição pré-verbal e, embora com menor frequência, podiam ocorrer também em contextos modais (no sentido de Bosque, 1996),

¹ Por *dupla negação* entende-se a ocorrência simultânea de dois elementos negativos num mesmo enunciado, produzindo-se uma interpretação positiva. Entende-se que os dois elementos negativos se cancelam mutuamente.

² Por *concordância negativa* entende-se a ocorrência simultânea de um marcador de negação frásica (pré-verbal), com um ou mais marcadores de negação pós-verbal (habitualmente referidos na literatura como *n-words*, no sentido de Laka, 1990) havendo lugar a apenas uma instância de negação semântica. Ao contrário do que ocorre na *dupla negação*, os dois elementos negativos não se cancelam um ao outro (cf. Labov 1972; den Besten 1986; Giannakidou 2000; Zeijlstra 2004; e.o)



como por exemplo no escopo de um verbo modal, em interrogativas diretas, orações comparativas e outros contextos similares. Estavam, no entanto, excluídos de contextos afirmativos assertivos.

Muito embora partilhassem traços semelhantes, estes três grupos de itens sofrem diferentes evoluções ao longo da história da língua. Enquanto os minimizadores partitivos/avaliativos sobrevivem até aos dias de hoje mantendo o seu estatuto de IPNs fracos, o mesmo não se verificou com os indefinidos negativos. De acordo com Martins (1997, 2000), os indefinidos negativos sofrem uma mudança nos valores dos seus traços de polaridade, tornando-se IPNs fortes. Deixam, portanto, de ocorrer em contextos modais e passam a ocorrer exclusivamente em contextos negativos, passando a poder expressar negação sem a presença de um operador de negação lexicalmente realizado, quando em posição pré-verbal, por terem valor intrinsecamente negativo. Por seu turno, o grupo dos minimizadores indefinidos desaparece da língua até ao final do século XVI.

Neste artigo apresentaremos as propriedades sintático-semânticas de um dos minimizadores indefinidos, o item *rem*. Tentaremos descrever o seu percurso de gramaticalização, não só no sentido de se tornar um item mais funcional, mas também mais especificado em relação aos seus traços de polaridade, assumindo que uma mudança semelhante à que ocorreu com os indefinidos negativos estaria também em curso em relação aos minimizadores indefinidos.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na secção 1 apresentaremos uma síntese de estudos anteriores sobre o item *rem*; a secção 2 contém uma breve descrição dos dados usados neste estudo, bem como uma descrição detalhada do item *rem*, tendo em consideração o seu percurso de gramaticalização. Na secção 3 avaliaremos a hipótese de *rem* se ter tornado um elemento intrinsecamente negativo, conforme sugerido em Duarte (2012) e proporemos uma análise de *rem* como IPN fraco. Na secção 4 exploraremos a ideia de que o item *rem* terá entrado em competição com um outro minimizador indefinido, o item *cousa*, mas também com o indefinido negativo *nada*. A competição com outros itens pode ser interpretada como uma das causas para o desaparecimento de *rem*. A secção 5 será dedicada à comparação do percurso de evolução de *rem* em relação a outros itens derivados da forma latina *res* em diferentes línguas românicas. Finalmente, a secção 6 apresentará as conclusões.

1. Estudos prévios sobre *rem*

Os estudos que visam a descrição e compreensão dos minimizadores em português são praticamente inexistentes. À exceção de alguma informação em gramáticas históricas, o tema tem passado despercebido na literatura. Por exemplo, em Said Ali (1921:116), *rem* é apresentado como um pronome sobre o qual se afirma que «“cousa nascida” ou “rem nada” era metáfora de que a língua se socorria em frases negativas, para exprimir a inexistência absoluta de qualquer coisa». Por seu turno, Mattos e Silva (1989) refere que *rem* era empregue como substituto do sintagma nominal *nenhuma coisa*³.

Não obstante a ausência de estudos sobre minimizadores em geral, a análise do item *rem* constitui o tema central do estudo apresentado em Duarte (2012). A autora apresenta o percurso de gramaticalização do item em Português Antigo (PA), defendendo que este começa por ser um item positivo e se torna num item negativo. Duarte (2012) considera que *rem* podia surgir sob a forma de nome comum, mas também como um pronome negativo que figurava em três estruturas diferentes: negação + *rem*, onde *rem* significava ‘coisa’; negação + *rem*, sendo *rem* equivalente a ‘nada’, e finalmente *rem* isolado, significando ‘nada’. De acordo com Duarte (2012), *rem* começa por significar inicialmente ‘coisa’, porém, o seu significado sofre uma alteração motivada pela frequente coocorrência com um operador negativo, adquirindo o significado equivalente a

³ “Como substituto do sintagma nominal *nenhuma coisa* (11 ocorrências) há *nemigalha* (27), *rem*, *ren* (13) e *nada* (2)” (Mattos e Silva 1989:190).



nada/coisa alguma – «primeiro, *rem* significa ‘coisa’, mas com a presença de uma negação na oração, passa a significar ‘coisa alguma’».

Duarte (2012) assume ainda que *rem* se torna um marcador de negação independente, podendo ocorrer com interpretação negativa e sem a presença de um marcador de negação regular. Diz a autora que «mais autónomo passa a ser, então, com significado de ‘nada’, independente da presença ou não de negação na oração.» Esta possibilidade de *rem* expressar negação por si só é ilustrada com um único exemplo, que se reproduz em (1).

(1) Ante que lhe ela *rem* podesse dizer:

(Duarte 2012:93-94)

Como se pode verificar, o exemplo em (1) não contém nenhum operador de negação regular. Contrariamente ao que é argumentado por Duarte (2012), consideramos que a oração não tem uma interpretação negativa e que *rem* não expressa, por si só, negação neste contexto. Na verdade, defendemos que em (1) *rem* só pode ter uma interpretação positiva (*rem* tem leitura existencial de *alguma coisa*) uma vez que ocorre num contexto modal, sendo legitimado pela expressão *ante que*⁴, que obriga ao uso de conjuntivo na oração encaixada em que *rem* efetivamente ocorre. Deste modo, *rem* terá uma leitura equivalente ao inglês *anything*. Uma vez que Duarte (2012) não apresenta outros exemplos de *rem* a ocorrer como marcador de negação autónomo, assumimos que a autora, erradamente, considera as ocorrências de *rem* em contextos modais como evidência da gramaticalização de *rem* como um IPN forte. Os dados que apresentaremos na secção seguinte apontam numa direção diferente.

2. O minimizador indefinido *rem*

2.1. Uma breve nota sobre o corpus

Para o estudo do minimizador *rem* tivemos em consideração 895 contextos de ocorrência do item. Estes foram extraídos de um *corpus* maior, que reúne cerca de 7467 contextos de ocorrência de itens considerados relevantes para o estudo da negação e de estruturas de concordância negativa. O referido *corpus* contém exemplos compreendidos entre os séculos XIII e XVI, extraídos de vários *corpora online*, mas também de textos completos. Para cada exemplo é fornecida ainda informação sintático-semântica considerada relevante, bem como informação extratextual.

No que diz respeito às 895 entradas referentes a *rem*, estas encontram-se distribuídas entre os séculos XIII e XV, como se ilustra no Gráfico 1. Como é possível observar, a grande maioria dos exemplos concentra-se no século XIII (95%), registando-se apenas 4% de contextos no século XIV e um valor residual de 1% no século XV. Do século XV em diante não se registam ocorrências de *rem*.

⁴ Um revisor chama a atenção para a possibilidade de, neste contexto, *rem* ser legitimado pela forma do verbo modal “podesse”. Para o que se pretende demonstrar aqui (que *rem*, neste contexto, não tem valor negativo), essa possibilidade não é relevante, dado que, tanto a expressão *ante que* como o verbo modal atribuem polaridade modal ao enunciado.



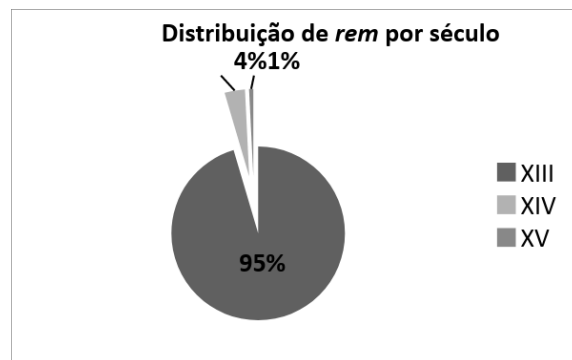


Gráfico 1

Relativamente às fontes dos exemplos, a grande maioria das ocorrências obtidas para o século XIII é retirada do romance arturiano *Demanda do Santo Graal* (DSG) e da lírica medieval. Embora tenham sido efetuadas buscas num conjunto de textos muito mais amplo, o Gráfico 2 mostra apenas os textos onde foram efetivamente encontradas ocorrências de *rem*.⁵

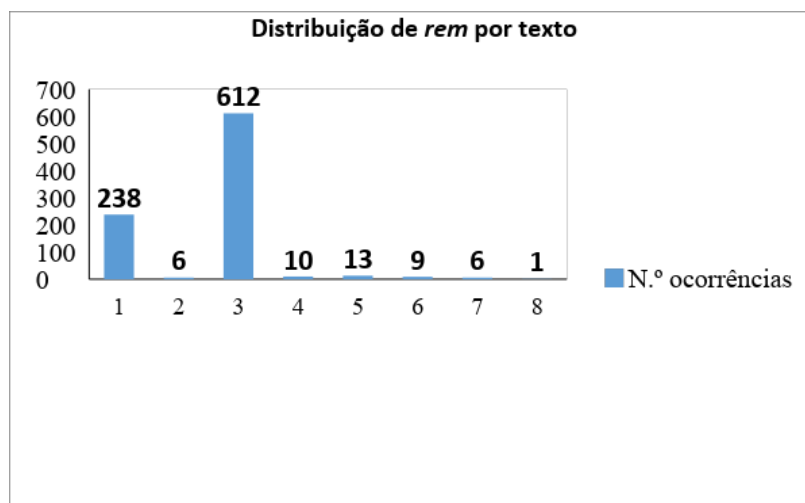


Gráfico 2

O texto da *Demanda do Santo Graal* merece a nossa atenção em relação à sua inclusão no século XIII. O texto da DSG chega até nós através de um manuscrito datado do século XV. No entanto, no âmbito deste trabalho, considerámo-lo como representativo do século XIII. Seguindo os trabalhos de Castro (1993), Toledo Neto (2012) e Martins (2013), defendemos que as cópias dos textos do ciclo da *Post-Vulgata* que

⁵ Por limites de espaço, no Gráfico 2, os textos são referidos pelas iniciais. A chave é a seguinte: DSG=Demanda do Santo Graal; CSM=Cantigas de Santa Maria; LPGP=Lírica Profana Galego-Portuguesa; CGE=Crónica Geral de Espanha; DCS=Dos Costumes de Santarém; VCM=Vida do Cativo Monge Confesso; TSN=Trasladação de São Nicolau



sobreviveram até aos dias de hoje contêm algumas propriedades que os tornam próximos do português do século XIII, mas também outras propriedades que refletem o português dos séculos XV e XVI. A frequência de ocorrência de *rem* na DSG está mais em consonância com a frequência deste mesmo item na lírica do século XIII do que na do século XIV, assim como dos textos em prosa dos séculos XIV e XV. Como se mostra no Gráfico 2, existem 543 ocorrências de *rem* na LPGP no século XIII, enquanto no século XIV apenas se registam 13 exemplos, mais 19 exemplos nos textos em prosa (que se reduzem a 7 no século XV). Isto sugere que, no que diz respeito ao emprego de *rem*, a DSG esteja mais próxima do português do século XIII do que do português do século XV, razão pela qual o texto não foi considerado no período cronológico em que o manuscrito quatrocentista foi produzido.

2.2. *Rem*: nome comum vs. minimizador indefinido

Como é sabido, *rem* tem origem na forma latina *res*, habitualmente associada à expressão *res nata* (lit. coisa nascida). Até ao século XIII, *rem* era um item produtivo com dois usos independentes: um como nome comum equivalente a *coisa* e outro como minimizador indefinido.

Em primeiro lugar é necessário clarificar a noção de minimizador indefinido. Por minimizador indefinido entende-se um conjunto de itens de polaridade existente no Português Antigo que incluía as formas *rem*, *cousa*, *al* e *homem*. Estes itens tiveram origem em nomes comuns com leitura genérica e baixa referencialidade (cf. Giannakidou, 2011). Embora sejam caracterizados como itens de significado genérico, começam por ter uma leitura escalar associada, o que justifica a sua inclusão sob a designação de ‘minimizadores’. São frequentemente referidos na literatura como ‘generalizadores’ (cf. Willis *et al*, 2013, Breitbarth, 2014, Gianollo, 2016, Llop, 2018, a.o.)⁶.

O minimizador indefinido *rem* tem origem no nome comum *rem* e ambos coexistem até ao desaparecimento das duas formas. No entanto, apesar da origem comum, apresentam propriedades diferentes, como tentaremos mostrar. Os exemplos (2) e (3) ilustram o uso de *rem* como nome comum e como minimizador indefinido, respetivamente.

(2) mais non lhi posso fazer ùa *ren*: | quando mi diz que lhi non quera ben, | ca o non posso comigo poer. |
(TMILG, *Lírica Profana Galego Portuguesa*)

(3) E Muça era vassalo de Miraamolim e nõ quis fazer *rem* sem seu mãdado.
(CGE, I, cap. CXCVIII)

Como podemos observar, apenas em (2) *rem* surge como o núcleo nominal de um Sintagma Determinante (SD), sendo antecedido por um determinante indefinido (*ũa*). Em (3), *rem* surge sob a forma de um *bare noun*, sem determinante à esquerda. A presença de determinante em (2) define a interpretação de *rem* como nome comum com significado referencial, enquanto em (3) a sua ausência aponta para outra interpretação de *rem* que não a de nome comum. Na verdade, a sua interpretação não é equivalente a *coisa*, mas dependente da polaridade da frase em que ocorre. Numa frase negativa como (3), *rem* tem interpretação negativa, equivalente a *nada*⁷. Aquilo que distingue o nome comum do minimizador é precisamente o facto de o primeiro manter o seu significado referencial, independentemente da polaridade da frase em que ocorre. Embora ambas as frases em (2) e (3) sejam negativas, apenas em (3) *rem* pode ser interpretado como significando *nada*. Enquanto em (3) *rem* tem escopo estreito em relação ao seu licenciador (o marcador de

⁶ A razão pela qual optei por agrupar estes itens sob a designação de “minimizadores indefinidos” ultrapassa o escopo do presente artigo. No entanto, considera-se que a sua inclusão na classe dos minimizadores permite dar conta das suas propriedades escalares iniciais e contribui para uma abordagem unificadora dos minimizadores como um tipo particular de itens de polaridade.

⁷ Isto não significa que *rem* fosse equivalente ao ‘nada’ contemporâneo em termos de traços polares, ou seja, que fosse um IPN forte.



negação *não*), estabelecendo-se concordância negativa, em (2) é o constituinte *ũa ren* que tem escopo largo sobre a negação, não havendo lugar a concordância negativa. Assim, a interpretação de *ũa ren* como equivalente a *nada* não é possível em (2).

2.3. Gramaticalização: de nome comum a marcador de negação autónomo?

Os minimizadores são considerados uma fonte produtiva de marcadores de negação e estão intimamente relacionados com o conhecido *Ciclo de Jespersen* (cf. *Jespersen* 1917). O *Ciclo de Jespersen* descreve uma mudança cíclica na sintaxe da negação que consiste na presença, inicialmente opcional, de um elemento de negação pós-verbal como forma de reforçar a negação devido ao enfraquecimento do marcador pré-verbal (enfraquecimento esse que *Jespersen* defendeu ser de natureza fonológica). A determinada altura a presença do elemento pós-verbal torna-se obrigatória. A elevada frequência do elemento pós-verbal numa frase negativa motiva a sua reanálise como elemento intrinsecamente negativo, suplantando assim o marcador pré-verbal e acabando por substituí-lo. Mas afinal, de que forma é que os minimizadores se relacionam com o *Ciclo de Jespersen*? A relação reside no facto de o elemento pós-verbal empregar como reforço da negação começar por ser, frequentemente, um minimizador. Um dos exemplos mais paradigmáticos do *Ciclo de Jespersen* é o Francês, considerado um caso de mudança ainda em curso, em que o marcador pré-verbal *ne* começa por ser reforçado pelo minimizador *pas* (do latim *passu*), acabando este último por substituir *ne* como marcador de negação regular.

Não obstante, a gramaticalização de um minimizador não é garantia de que este atinja um tal estágio de gramaticalização que lhe permita completar o *Ciclo de Jespersen* e tornar-se um marcador de negação independente. De facto, tal como afirma Willis *et al.* (2013), o processo de gramaticalização pode ser interrompido a qualquer momento, resultando naquilo a que Willis *et al.* (2013) e Breitbarth *et al.* (2013) chamam de *Ciclo de Jespersen Incipiente*. O *Ciclo de Jespersen Incipiente* dá conta do facto de muitos dos itens que surgem como reforço da negação nunca irem além do estágio 2 do *Ciclo de Jespersen*. Muitos deles permanecem simples minimizadores, enquanto outros adquirem um estatuto equivalente ao de um quantificador negativo. Existem ainda casos de itens que, embora se tornem marcadores de negação autónomos, estão circunscritos a certos contextos que envolvem questões pragmáticas.

Nesta secção olharemos, assim, com atenção para o percurso de gramaticalização do minimizador *rem*, considerando a sua evolução de nome comum a minimizador e, eventualmente, para além disso. Para avaliarmos o grau de gramaticalização de *rem*, teremos em consideração um conjunto de propriedades consideradas fundamentais para confirmar que um item gramaticalizou como marcador de negação autónomo (mas não necessariamente como um item que completou o estágio 3 do *Ciclo de Jespersen* e se tornou um operador de negação lógica). Tomaremos como ponto de partida a lista de propriedades sugeridas em Garzonio e Poletto (2008, 2009), que se encontram esquematizadas na Tabela 1.

Propriedades	Fase 1	Fase 2	Fase 3
Núcleo nominal de um SD	sim	não	não
Admite modificação	sim	não	não
Significado referencial	sim	não	não
Exibe traços de flexão	sim	não	não



Especialização semântica dos verbos	sim	menos restrito	não
Ocorre em contextos positivos	sim	raramente	não
Único elemento negativo	não	não	sim

Tabela 1

Tal como se ilustra na Tabela 1, um minimizador na Fase 1 exhibe propriedades nominais. Começa por ser o núcleo nominal de um Sintagma Determinante (SD), admite modificação e conserva o seu significado referencial e traços de flexão. Tende a ocorrer com um grupo restrito de verbos semanticamente relacionados com o nome comum que lhe deu origem. Pode ainda ocorrer em contextos positivos, mas não pode ocorrer sozinho em contextos negativos, sendo obrigatória a presença de um operador negativo que o legitime. Ao atingir a Fase 2, deixa de exhibir propriedades nominais. Passa a ocorrer sem a presença de determinante, deixando de ser o núcleo nominal de um SD, bloqueia modificação, deixa de ter significado referencial ou de exhibir traços de flexão. Deixa, progressivamente, de ocorrer em contextos positivos, embora ainda não ocorra como único elemento negativo numa frase. A fase 3 representa o resultado do processo de gramaticalização plena. Além da ausência de propriedades nominais, deixa de ocorrer em contextos positivos e passa a poder expressar, sozinho, negação.

2.4. Percurso de gramaticalização de *rem*

Nesta subsecção iremos olhar para o comportamento de *rem*, tendo em conta as propriedades listadas na Tabela 1, bem como outras propriedades consideradas relevantes.

Embora assumamos que o minimizador indefinido *rem* teve origem no nome comum *rem*, os dados analisados para o século XIII colocam o minimizador diretamente numa Fase 2 do processo de gramaticalização. Não há, assim, evidência de que *rem* alguma vez tenha sido usado como minimizador sob a forma de núcleo nominal de um SD, ao contrário do que se verifica para outros minimizadores do PA, nomeadamente minimizadores partitivos e valorativos (por exemplo, *um caracol*, *uma gota*). Isto pode indicar que *rem* terá iniciado o seu processo de gramaticalização muito antes do século XIII. Os exemplos datados do século XIII apresentam sempre o minimizador *rem* a ocorrer sob a forma de um *bare noun*, sem a presença de determinante, como se ilustra em (4):

- (4) [...] ca eu nom acabarei i rem
(DSG, cap. XII)

Exemplos como o de (4) permitem distinguir o minimizador do nome comum, uma vez que este último ocorre com a presença de determinante na maioria dos contextos, como se verificou anteriormente. Por outro lado, a perda de significado referencial é um bom indicador de um certo nível de gramaticalização. É sabido que os minimizadores que têm origem em nomes comuns mantêm, inicialmente, traços do significado referencial original do nome. No caso dos minimizadores indefinidos como *rem*, o significado referencial é uma das propriedades que permite distingui-los dos nomes comuns que lhes deram origem, uma vez que ambas as formas coexistem no PA. Se confrontarmos o exemplo (5), onde surge o nome comum *rem*, com o exemplo (6), que contém o minimizador, percebemos que, ao contrário de (5), em (6) não há lugar a uma interpretação de *rem* com o significado referencial de *coisa*.

- (5) Sabede que ellas som feitas da *rem* que eu mais em mim amava [...]

(DSG, cap. CCCCXIX)



(6) E porque viu que nom poderia durar *rem* contra o cavaleiro stranho [...]

(DSG, cap. CCCXCV)

Em (6) não é possível afirmar que *durar rem* é equivalente a *durar coisa* (uma coisa específica). Isto mostra que, enquanto minimizador indefinido, *rem* já não conservava os traços referenciais do nome comum, sendo a sua interpretação dependente da polaridade do enunciado em que ocorre.

Na verdade, a perda de significado referencial está intimamente ligada à primeira propriedade que observámos: a ocorrência como núcleo nominal de um SD. Uma vez que o minimizador já não ocorre como núcleo nominal de um SD, já não pode ter significado referencial. Tal como referem Raposo e Miguel (2013:714), «os nomes comuns, por si sós, denotam, mas não referem, ou seja, não estão habilitados para designar exemplares concretos das classes denotadas pelo nome». Assim sendo, «os nomes comuns têm de combinar-se com um especificador (determinante ou quantificador) para poderem designar entidades do universo do discurso». Os nomes comuns apresentam, habitualmente, morfologia de género e número, pelo que a ausência de traços- ϕ pode ser considerado um bom indicador de que um determinado item perdeu a sua natureza nominal.

Não existem, no corpus, exemplos de *rem* com interpretação polar e traços de género ou número visíveis; o item ocorre sempre na sua forma invariável, podendo designar tanto uma entidade feminina como masculina, como se exemplifica em (7) e (8), o que mostra que tinha perdido a sua natureza nominal.

(7) – Senhor, Deus, que sabe todalas cousas, a que se *rem* ño esconde [...]

(CGE, I, cap. CXCVI)

(8) E nom trazia vestido *rem* do mundo fora ùa pelle de ùu lobo que a cobria mui mal.

(DSG, cap. CCI)

Também devido à sua origem nominal é esperado que um minimizador ocorra inicialmente com um grupo limitado de verbos que remetem para o campo semântico do nome que dá origem ao minimizador. No entanto, à medida que o minimizador perde o seu significado referencial, torna-se mais flexível, passando a ocorrer com verbos que não estão já relacionados com o campo semântico original. O passo final será a ocorrência com qualquer tipo de verbo, independentemente do valor semântico associado. Dado o significado genérico do nome comum *rem*, a restrição do minimizador a um grupo específico de verbos não é óbvia. No corpus encontramos *rem* a ocorrer com todos os tipos de verbos, independentemente do seu campo semântico, podendo inclusivamente ocorrer com e sem função argumental, como veremos mais à frente.

A possibilidade de admitir modificação é habitualmente considerada um indicador de que o minimizador em causa ainda mantém propriedades nominais. Os nomes comuns podem admitir modificação adjetival (SADJ), preposicional (SP) ou oracional, por meio de uma oração relativa. A observação dos dados indica que *rem* já não admitia modificação adjetival direta através de um sintagma adjetival, quer em posição pré-nominal, quer pós-nominal. Contudo, admitia ainda modificação preposicional como se ilustra em (9), correspondendo estes casos a 9% dos exemplos, e modificação oracional, como em (10), em 10,6% dos exemplos.

(9) Ally filhou Abderame todallas cousas que os mouros avyam em Espanha, pero que lhes ño filhou casas nem villas nem *rem* do seu senhorio.

(CGE, I, CCXXX)



(10) vos nom dizedes *rem* que eu por verdade nom soubesse peça há [...]

(DSG, cap. XX)

Comecemos por observar os dados relativos à modificação oracional. Como se verifica em (10), a oração que modifica *rem* é uma relativa restritiva com verbo no modo conjuntivo, sendo este o padrão da larga maioria dos exemplos que envolvem modificação oracional. O facto de *rem* permitir modificação oracional coloca-o numa fase inicial do processo de gramaticalização no que diz respeito a esta propriedade. No entanto, a presença do conjuntivo na oração relativa constitui um fator importante na descrição do minimizador. De acordo com Vester (1989), a seleção do conjuntivo numa oração relativa restritiva é determinada por razões puramente semânticas. De acordo com Marques (1995:150), em português, o conjuntivo ocorre em orações relativas que modificam sintagmas nominais não-verídicos. Sempre que o sintagma nominal é não-referencial e a existência das entidades por ele referidas é negada, apenas o conjuntivo pode ocorrer (cf. Marques 2013:864). Deste modo, embora a modificação por meio de uma oração relativa restritiva habitualmente contribua para uma maior referencialidade do nome que é modificado, a presença do modo conjuntivo na relativa faz com que se possa considerar estas relativas como modificadores que não fixam, necessariamente, uma leitura referencial. Segundo Giannakidou (2011), o conjuntivo é um modo não-dêitico e, como tal, não pode receber um valor atribuído pelo contexto. Em relação ao português, Brito e Duarte (2003:669) defendem que, nas orações relativas com conjuntivo, o sintagma nominal «designa não um indivíduo determinado do mundo real (que pode nem existir) mas um conjunto de propriedades que definem um conceito individual». Do mesmo modo, Marques (2010:562) nota que «um sintagma nominal com uma oração relativa no conjuntivo não permite inferir a existência das entidades referidas». Por tudo isto se conclui que, apesar de a admissão de modificação indicar a conservação de propriedades nominais, a presença do conjuntivo revela algum grau de gramaticalização do item.

Observemos agora os casos de modificação preposicional. No exemplo (9) apresentado acima, o SP que modifica *rem* introduz uma leitura possessiva. No entanto, nem sempre isso se verifica. Observemos o exemplo em (11).

(11) «Tolhede», disse ella, «vosso elmo e ver-vos-ei, ca em outra guisa nom vos direi *ren* do que quero».

(DSG, cap. CCLXXXI)

A frase em (11) parece apresentar duas leituras possíveis. Uma em que *rem* surge modificado por um SP e tem função de objeto direto e outra em que *rem* pode ser interpretado como partícula quantificadora que quantifica sobre o elemento entendido como o verdadeiro objeto direto. Nesta segunda interpretação, podemos afirmar que a oração *o que quero* é o verdadeiro objeto direto do verbo *dizer* e que, em termos informacionais, a sequência *nom vos direi ren do que quero* é equivalente a *nom vos direi o que quero*. *Rem* surge neste contexto como um elemento de natureza adverbial que permite reforçar a construção negativa, através da introdução de uma leitura partitiva. O exemplo (12) ilustra esta mesma ambiguidade.

(12) [...] e filharam-no e iam-se com elle mui toste e levavam-no a ùu valle mui fundo e mui scuro e mui negro u nom avia *rem* de lume senam pouco.

(DSG, cap. CCI)

Como se verifica em (12), *rem* tem leitura partitiva sobre *lume*. O valor quantificacional de *rem* é reforçado pela presença da construção excetiva (cf. O'Neill, 2011; Pérez-Jiménez & Moreno-Quibén, 2012; Colaço, 2015) introduzida por *senam*. As construções excetivas apresentam habitualmente negação no primeiro termo da construção e um IPN no antecedente da excetiva (fonologicamente realizado ou nulo). O



IPN presente no antecedente introduz uma generalização e o elemento introduzido pela partícula excetiva a exceção à referida generalização. O elemento de exceção que escapa à generalização tem sempre implícita uma leitura de quantidade superior a zero. Neste caso, *rem* quantifica claramente sobre o nome *lume* e a partícula *senam* introduz a exceção à generalização, tendo implícita uma leitura de quantidade superior a zero.

A possibilidade de *rem* ser interpretado como uma partícula de quantificação sobre o objeto direto é indicador da perda de traços nominais e de um grau avançado de gramaticalização, passando o item a poder ocorrer sem função argumental. Na verdade, o preenchimento de uma função argumental por parte de um minimizador é indicador de que não houve plena gramaticalização do item. Autores como Lucas (2007); Willis (2010, 2012) e Parry (2012) defendem a existência de um determinado contexto responsável pela reanálise de um minimizador como um item mais funcional (e, portanto, mais gramaticalizado): a ocorrência com verbos de transitividade opcional (*optionally transitive verbs*). Este tipo de contexto disponibiliza ambiguidade de leituras do item como objeto direto (OD) ou como partícula de reforço da negação. Considera-se que é este último uso que potencia a reinterpretação do item como um marcador de negação independente. Encontramos *rem* como objeto direto em cerca de 60% dos exemplos; no entanto, frases como a de (13) apresentam precisamente um contexto em que a interpretação de *rem* como o OD da frase é opcional.

(13) Assi ia pensando tam spantado que *rem* nom falava.

(DSG, cap. CCIII)

Em (13) há lugar a uma interpretação de *rem* como o OD do verbo *falar*. No entanto, *falar* não exige a presença de um OD, dando lugar a uma segunda interpretação em que *rem* surge como partícula de reforço da negação, assumindo um valor adverbial ou quantificacional, mas sem função argumental. A interpretação de *rem* como elemento adverbial/quantificacional é, no entanto, a única disponível em contextos como os de (14) e (15).

(14) - Senhor, esto uos direy eu que uos nom menterei hi *rem*.

(DSG, cap. CXX)

(15) E, meus amigos, poys eu moyr'assy| pola melhor dona de quantas vi, | non tem'eu *ren* mha morte, nem morrer.

(TMILG, LPGA)

Em (14) *rem* surge com um verbo intransitivo (*mentir*), pelo que a sua interpretação como OD não está disponível. Já em (15), o OD de *temer* encontra-se lexicalmente realizado (*mha morte*), não podendo *rem* ser interpretado como OD.

Estes três exemplos, juntamente com os casos de modificação preposicional que parecem introduzir uma leitura partitiva, apontam para um grau avançado de gramaticalização de *rem*, uma vez que ilustram a passagem de um elemento com propriedades nominais e função argumental para um elemento mais funcional, com propriedades de quantificação.



3. *Rem*: IPN fraco ou marcador de negação autónomo?

Na secção anterior vimos que *rem* apresentava um grau de gramaticalização avançado de acordo com as propriedades apresentadas na Tabela 1. Como foi referido na secção 1, o estudo de Duarte (2012) atribui a *rem* o estatuto de marcador de negação autónomo. No entanto, consideramos que esse estatuto não é atingido pelo item até ao seu desaparecimento. Nesta secção iremos assim mostrar em que contextos polares *rem* poderia ocorrer e avaliaremos se há evidência para considerar que o item podia expressar negação por si mesmo.

À semelhança de outros minimizadores indefinidos, *rem* ocorria nos chamados contextos modais (cf. Bosque, 1996) como (16) e em contextos negativos (17), sob o escopo de um operador negativo. A sua ocorrência em frases afirmativas assertivas estava excluída.

(16) Quando esto viu Galvam nom ouve tanto de poder que podesse falar *ren* nem que podesse estar, ca lhi faleceu o coração [...]

(DSG, cap. DCL)

(17) E porque viu que nom poderia durar *rem* contra o cavaleiro stranho [...]

(DSG, cap. CCCXCV)

Existem, contudo, no *corpus*, alguns exemplos que apontam para a possibilidade de *rem* poder surgir com interpretação negativa, sem a presença de um operador de negação que o legitime. Observem-se de seguida os exemplos de (18) a (20).

(18) Pero sei ben, u non jaz al, | que lhes verrá en muito mal, | que os non pod ' en guardar ren; | mais de tod ' esto *ren* m ' enchal, | ca eles x ' o buscaron ben!|

(TMILG, *Lírica Profana Galego-Portuguesa*)

(19) E Gallaaz nom soube que dissesse e disse a donzella que, se se matasse como dizia e por tal razom, bem entendesse que daria el *rem* por sua morte.

(DSG, cap. CXV)

(20) E u el tan gran coita jazia || que ja *ren* falava nen oya, || vee -lo vëo a Virgen Maria, || e con hua toalla que tiia || Toda saude da Santa Reÿa

(TMILG, *Cantigas de Santa Maria*, LIV)

Como se pode verificar, em todos os exemplos apresentados, *rem* parece apresentar interpretação negativa, embora a frase não contenha nenhum outro elemento negativo. Poderíamos, assim, concluir, em linha com o que é defendido por Duarte (2012), que *rem* expressava, sozinho, negação. No entanto, uma análise mais detalhada dos exemplos apresentados permite perceber que o que está em causa são problemas de edição das fontes consultadas.

O verso em (18) apresenta, aparentemente, *rem* em posição pré-verbal com valor negativo. O exemplo pertence à cantiga *Punnar quer'ora de fazer*, atribuída ao trovador Vasco Gil, tendo sido extraído do *corpus* TMILG que, por seu turno, faz uso da edição de Brea (1996) da *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Ora, a edição de Brea (1996) conserva a edição de Carolina Michaëlis (1904), à qual são apontadas falhas de edição. No caso concreto da referida cantiga, Ramos (2009) dá conta de uma interpretação equívoca por parte de Michaëlis e considera que a transcrição correta do verso em causa é a que havia sido avançada por Piccat (1995:229) – *mais de tod 'esto ne m'én chal* – em que não há sequer a presença da partícula *rem*.



Já o exemplo apresentado em (19) é retirado da edição de Piel e Nunes da *Demanda do Santo Graal* e apresenta *rem* com aparente interpretação negativa, em posição pós-verbal, sem qualquer outro elemento negativo. Neste caso, existe um claro erro de transcrição, não tendo sido transcrito o operador de negação *nom*, muito embora este seja legível no manuscrito. A edição mais recente de Toledo Neto (2012-2015) apresenta a versão correta – *bem entendesse que nom daria el rrem por sua morte*.

Finalmente, o exemplo em (20) parece apresentar *rem* com valor negativo em posição pré-verbal. Trata-se, no entanto, de um problema de digitação aquando da inserção de dados no *corpus* TMILG. O *corpus* TMILG faz uso da edição de Mettman (1959-72) que contém a transcrição da cantiga contendo o operador de negação *non* – *E u el tan gran coita jazia | que já ren non falava nen oya*.

Não obstante os casos acima ilustrados corresponderem a problemas de edição/transcrição e não poderem ser considerados exemplos legítimos de *rem* com valor negativo a ocorrer de forma isolada, encontramos no *corpus* alguns exemplos que, apesar de escassos, documentam essa possibilidade. É o caso de (21) em que *rem* surge aparentemente com interpretação negativa.

(21) Meu é o poder, que são senhor | de fazer d'el o que m' a mi prouguer, | mais foi i tan coitado que mester | non me fora, pois que o vi, per *ren*, | cuidand', amiga, qual era melhor: | de o matar ou de lhi fazer ben.

(TMILG, *Lírica Profana Galego Portuguesa*)

Em (21) *rem* é complemento de uma preposição, surgindo dentro de um Sintagma Preposicional cuja interpretação parece ser negativa. O contexto apresentado configura um dos contextos de ocorrência das chamadas *free-standing n-words* identificados por Fitzgibbons (2010) para o Russo. Isto significa que *rem* é empregue em (21) com valor intrinsecamente negativo, dispensando a presença de outro elemento de negação.

Já em (22), *rem* surge como único elemento negativo num contexto de resposta a uma interrogativa-*wh*.

(22) Ricom', que sabedes fazer?
E o rícome disse: - *Ren*.

(TMILG, *Lírica Profana Galego Portuguesa*)

De acordo com Giannakidou e Yoon (2016) a ocorrência de um item isoladamente como resposta negativa a uma interrogativa constitui uma propriedade-chave das chamadas *n-words* e permite distinguir itens como *nobody* de *anybody*, sendo que apenas *nobody* pode ocorrer nestes contextos. O exemplo em causa sugere o emprego de *rem* como elemento negativo autónomo, aproximando-o do comportamento de um IPN forte.

Os dois exemplos apresentados acima poderiam servir de evidência para se concluir que *rem* se havia tornado um IPN forte antes do seu desaparecimento. No entanto, exemplos desta natureza são extremamente escassos no *corpus*, fazendo com que não sejam suficientemente sólidos, do ponto de vista quantitativo, para se afirmar que *rem* era um elemento intrinsecamente negativo antes de desaparecer da língua. Por outro lado, a assunção de que, nesses mesmos contextos, *rem* apresenta uma leitura negativa (e não modal) é baseada na presunção de que os contextos em causa não apresentam problemas de transcrição/edição e na interpretação de enunciados diacrónicos à luz da sincronia, exercício que não está livre de falhas.

Consideramos, assim, que *rem* permaneceu um IPN fraco até ao seu desaparecimento, não se tendo tornado num elemento negativo independente. Os exemplos (21) e (22) acima apresentados podem ser interpretados como ilustrativos de uma mudança em curso, no sentido de *rem* se tornar um IPN forte, à semelhança do que acaba por se verificar com os indefinidos negativos *nada*, *nenhum* e *ninguém* (cf. Martins,



1997, 2000). Na verdade, contextos como o de (22) são encontrados no catalão para a partícula *res*, a par de outros contextos em que a partícula surge com leitura positiva (em contextos modais) e ilustram precisamente a ambiguidade do item *res* entre um IPN fraco e um IPN forte no catalão contemporâneo (cf. secção 5).

4. Itens em competição: *rem*, *cousa* e *nada*

O desaparecimento precoce do minimizador indefinido *rem* parece não se coadunar com o estado avançado de gramaticalização que verificámos para este item na secção anterior. No entanto, a observação de dados diacrónicos mostra que, em contextos idênticos, poderíamos ter a ocorrência de outros itens, como o indefinido negativo *nada* ou o minimizador indefinido *cousa*, a desempenharem o mesmo papel de *rem*, o que poderá ter contribuído para acelerar o seu desaparecimento. Esta ideia de intercâmbio entre itens com propriedades semelhantes é coincidente com a perspectiva de competição entre gramáticas ou entre *lexical/functional doublets* proposta por Kroch (1989, 1994). De acordo com Kroch (1989), quando uma nova variante sintática entra na gramática, o seu uso pode ser mais ou menos favorecido em diferentes contextos, mas prevê-se que a sua frequência aumente na mesma proporção em todos os contextos. Nos casos em que existe competição, é expectável que a variação (ou a aparente opcionalidade) seja resolvida através da substituição de uma forma por outra ou da especialização de uma das formas em funções diferentes.

Muito embora não possamos avaliar, em termos estatísticos, a frequência por contexto de cada um dos itens em competição (o que é proposto por Kroch, 1989 para avaliar aquilo a que chama de *the constant rate effect*), é possível verificar a variação e até substituição relativamente ao uso de *rem*. Nesta secção mostraremos que não só *cousa* e *nada* ocorriam em contextos semelhantes aos de *rem*, como o confronto de dois manuscritos do mesmo texto com datas diferentes permite ilustrar a substituição de *rem* por *cousa*.

Tal como *rem*, *cousa* e *nada* designavam maioritariamente entidades com o traço [- animado] e podiam ocorrer nos mesmos contextos polares, modais e negativos, com estes últimos a serem bastante mais frequentes. Os exemplos de (23) a (25) ilustram a ocorrência dos três itens em contextos modais e os exemplos de (26) a (28) em contextos negativos.

(23) Entam meteo mão a espada e foi-se diretamente aos tindilhões e disse aa dona ante que lhe ella *rem* podesse dizer:

(DSG, cap. CLXXIII)

(24) Por a menhã, quando acordaram, se espantaram mais que de *cousa* que nunca vissem [...]

(JAR, cap. CVIII)

(25) E, se seu padre foi muito amigo de Deos, ainda ele foy mais, que antes queria ser talhado por peças que fazer *nada* contra seu Salvador.

(JAR, cap. CXVIII)

(26) E catou a camara e via(-a) tam fremosa e tam rica que nunca viu *cousa* que lhi tam bem parecesse.

(DSG, cap. DXLVI)

(27) E quando os acalçou non lhis quis encobrir *rrem* de ssa Boandança.

(CTA, *Trasladação de São Nicolau*)



(28) Este cantar entendi eu bem, mas de todo o outro nom entendi eu *nada*.

(JAR, cap. VI)

Como se pode verificar, em contextos modais os três itens recebiam interpretação positiva (leitura existencial equivalente a alguma coisa), ao passo que em contextos negativos, a interpretação disponível era negativa (equivalente a nenhuma coisa).

Os exemplos (29) e (30), ambos retirados do mesmo texto – *Demanda do Santo Graal* –, ilustram a ocorrência dos minimizadores indefinidos *cousa* e *rem* num mesmo contexto: numa construção existencial negativa, modificados por oração relativa restritiva com conjuntivo e em ambas as frases há ainda a presença do mesmo modificador frásico *no mundo*. A interpretação das duas frases é idêntica, não obstante a escolha de dois minimizadores indefinidos diferentes.

(29) «Senhor», disse ella, «nom ha *cousa* no mundo que por vos nom faça [...]

(DSG, CCXLVIII)

(30) «Dizede», disse Blioberis, «ca nom ha *rem* no mundo que eu por vos nom faça.

(DSG, cap. CCCLXXVIII)

Já em (31) e (32) encontramos *rem* e *nada* a ocorrerem em contextos negativos idênticos, havendo ambiguidade de leitura de ambos os itens como complementos diretos ou partículas de reforço da negação, dado que *responder* pode ser considerado um verbo de complemento direto opcional.

(31) E Lançarot nom lhe respondeu *rem* [...]

(DSG, cap. CCIII)

(32) E elle nom respondeo *nada*.

(DSG, cap. LXIV)

Apesar da aparente opcionalidade entre os itens, a sua frequência por século não é idêntica nos dados do nosso corpus de trabalho, como se ilustra no Gráfico 3:

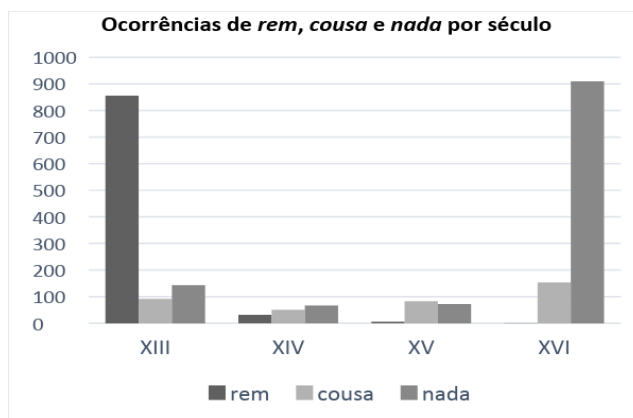


Gráfico 3



Como se verifica no Gráfico 3, *rem* é o item mais produtivo no século XIII, no nosso corpus, enquanto *cousa* apresenta uma frequência diminuta ao longo dos quatro séculos. O crescimento exponencial de *nada* no século XVI sugere que este item substitui tanto *rem* como, posteriormente, *cousa*, após ambos os itens desaparecerem da língua como minimizadores (e *rem* também como nome comum). No entanto, existem pistas que sugerem que *rem* é inicialmente substituído por *cousa* antes de *nada* se tornar no item vencedor da competição.

Na Tabela 2 apresenta-se a comparação entre dois manuscritos do texto da *Crónica Geral de Espanha* (CGE). Considera-se que a CGE reflete, maioritariamente, o português do século XIV, uma vez que há evidência para se considerar que o texto original foi escrito nesse século. Do texto original chegaram até nós dois manuscritos, aos quais nos referiremos como ms. L e ms. P, adotando as designações usadas por Cintra (1983-1990). De acordo com Cintra (1983-1990), o ms. L é o mais antigo, datando do primeiro quartel do século XIV, ao passo que o ms. P. terá sido compilado depois de 1459. A edição usada para a constituição do corpus que serve de base a este trabalho é baseada no ms. L (ed. Pedrosa e Miranda 2012), onde se encontram dez ocorrências do minimizador indefinido *rem*.

ms. L (ed. Pedrosa e Miranda 2012)	ms. P (notas rodapé Lindley Cintra 1983-1990)
(33) E Muça era vassallo de Miraamolim e nõ quis fazer rem sem seu mãdado. (I, cap. CXCVIII)	rem] cousa (vol.II, p.322)
(34) E entom lhes contou como el rei dom Rodrigo jouvera con sua filha e quanto con elle passara e o pesar que dello ouvera sua filha, que rem nõ lhes negou. (I, cap. CXCV)	que rem nõ lhes negou] om. (vol II, p.316)
(35) Depois que o conde aquello disse a seus parentes e amigos e vassallos e lhes demandou consselho, elles todos se cataron huus os outros e nom ouve hi tal que rem dissesse, ca lhes semelhou o feito duvydoso. (I, cap. CXCVI)	rem] cousa (vol. II, p. 318)
(36) E, quando foi ã outro dia, fez Tarife viir ante si o esbulho; e nõ acharon que rem vallesse se nõ cavallos e armas. (I, cap. CC)	nõ acharon que rem valesse] nõ acharõ hi cousa que vallesse (vol. II, p. 328)
(37) - Senhor, Deus, que sabe totalas cousas, a que se rem nõ esconde, sabe bem que, desde eu fuy teu vassallo, senpre te dei aquelle melhor consselho que eu entendi. (I, cap. CXCVI)	a que se rem nõ esconde] om. (vol. II, pp. 319)
(38) Ally filhou Abderame todallas cousas que os mouros avyam em Espanha, pero que lhes nõ filhou casas nem villas nem rem do seu senhorio. (I, cap. CCXXX)	Ally filhou Abderame ... e chamavam sanctos e queimavaos todos] (vol. II, p.367)
(39) E Muça se guisou logo taste e tam ben que lhe non fallecia rem de quanto avya mester pera a guerra. (I, cap. CXCVIII)	rem] cousa (vol.II, p. 322)
(40) E, por esto que disse, lhe mandou dom Mudarra Gonçalves dar tantas pãacadas que nõ fallava rem . (II, cap. CCCLXXVII)	rem] om. (vol. II, p.156)



(41) E, quando eu esto vy, pesoume muyto, ca son assaz temudo e honrrado per ella; e nom soube rem que lhe dizer. (I, cap. CXCIV)	rem] cousa (vol. II, p. 314)
(42) E, quando elle soube como viinha Muça, sayo a o receber e ão lhe mostrou que dava rẽ por quanto lhe mandara dizer. (I, cap. CCVI)	rẽ] cousa (vol. II, p. 338)

Tabela 2

A Tabela 2 apresenta então a comparação destes dez contextos de ocorrência de *rem* no ms. L e no ms. P. A versão do ms. P. foi obtida através das notas de rodapé fornecidas por Cintra (1983-1990) na sua edição do texto do ms. L. Como é possível verificar, apenas uma das ocorrências de *rem* é mantida, no contexto (38). Em (34) e (37) verifica-se a omissão de toda a oração em que *rem* surge, enquanto em (40) apenas o item *rem* é omitido (sendo este um contexto em que *rem* seria um OD opcional). As restantes ocorrências (em 33, 35, 39, 41 e 42) são substituídas pelo minimizador indefinido *cousa*, não estando registadas substituições pelo indefinido negativo *nada*.

A substituição de *rem* por *cousa* parece corresponder a um período transitório de mudança após a obsolescência do primeiro item. No entanto, *cousa* não herda o estatuto de *rem* em termos de frequência ou até de propriedades gramaticais. Por um lado, *cousa* apresentava um grau de gramaticalização menos avançado do que *rem* e, por outro, vai perdendo expressividade enquanto minimizador, acabando por cair em desuso, mantendo-se na língua apenas como nome comum. Já o indefinido *nada* reunia melhores condições para vingar, não só por não ser ambíguo relativamente a uma forma nominal, mas também porque se torna intrinsecamente negativo, tal como os restantes indefinidos negativos.

5. Do *res nata* latino às línguas românicas: diferentes percursos

A expressão latina *res nata*, à letra ‘coisa nascida’, deu origem a dois grupos de itens de polaridade nas línguas românicas. Por um lado, os itens derivados da forma *res*, como o francês *rien*, o catalão *res* ou o occitano *res*. Por outro, os derivados da forma *nata* como o português *nada*, o espanhol *nada*, o galego *nada* ou o occitano *nat/nada*.

Algumas línguas registaram o uso de ambos os itens em estádios mais iniciais, acabando, no entanto, por conservar apenas um deles. Este é o caso do português e do espanhol que na época medieval dispunham de um item *rem* que desaparece precocemente da língua, deixando espaço para a forma *nada* florescer. Pelo contrário, em línguas em que a forma derivada de *res* se tornou produtiva, não encontramos itens derivados do participio *nata*. São exemplos disso o catalão e o francês, que conservaram o *res* latino sob a forma de *res* e *rien*, respetivamente, mas que não exibem itens de polaridade derivados de *nata*. Existem, contudo, algumas línguas românicas em que as duas formas coexistem. Um deles é o caso do galego, em que as formas *res/ren* e *nada* persistem. No entanto, de acordo com Ferreiro (1995), as formas *res/ren* estão em desuso, sendo conservadas sobretudo na literatura. Já no caso do Occitano, embora ambas as formas *res/rem* e *nat/nada* coexistam, adquiriram valores diferentes. Segundo Alibert (1976) e Conde (1999), *res/rem* tornou-se um pronome indefinido invariável com significado equivalente a *nada*, ao passo que *nat* se tornou variável em género (*nat* no masculino e *nada* no feminino) e é empregue com o sentido de *nenhum*.

A distribuição das formas derivadas de *res* e *nata* nas línguas românicas apresentadas sugere que a competição entre estes itens não ocorreu apenas no português, tendo sido um fenómeno mais generalizado. No caso do occitano, em que houve lugar à conservação de formas derivadas quer de *res* quer de *nata*, verificou-se a especialização de cada um dos itens com diferentes valores, conforme previsto por Krock



(1989). A razão pela qual cada língua conservou uma dada forma em detrimento da outra permanece por explicar e não constitui o objetivo deste trabalho. Nesta secção apresentaremos apenas uma breve comparação da evolução das formas derivadas de *res* em línguas que as conservaram, nomeadamente no francês (*rien*) e no catalão (*res*) por oposição ao português, língua em que *rem* se torna obsoleto.

Como já foi referido, o português, o catalão e o francês antigos dispunham de uma forma derivada do *res* latino com propriedades de minimizador. Os exemplos de (43) a (45) ilustram os itens *rem*, *res* e *rien* com interpretação polar.

(43) [...] ca eu nom acabarei i *rem*.

(DSG, cap. XII)

(44) E *res* no li passava impensat.

(Pérez-Saldanya 2004 – Villena, *Vita*, II, 207, 6911-6912)

(45) Diable m'emporte si j'entend *rien* em medicine (Med. III.1)

"The devil takes me if I understand anything to medicine."

(Déprez, 2011:17 – Molière, *Le Malade imaginaire* (1673,1674))

À semelhança do que verificámos para o *rem* do PA, também as formas *res* do catalão e *rien* do francês passam por uma fase em que se comportam como IPNs fracos, podendo ocorrer em contextos modais (45) ou negativos (44).

Também o processo de gramaticalização dos itens não segue a mesma cronologia. O item *rem* é encontrado no PA claramente como IPN fraco nos textos do século XIII e os dados apresentados em Pérez-Saldanya (2004) apontam para um comportamento idêntico do *res* catalão, mas a gramaticalização de *rien* apresenta-se como mais tardia. O item só perde traços de flexão no final do século XVI, perdendo as suas propriedades nominais no início do século seguinte, quando deixa de poder ocorrer com o modificador *autre* em posição pré-nominal. De acordo com Déprez (2011), as *n-word* do francês, nas quais se inclui *rien*, só manifestam propriedades de IPN a partir do século XVI. Ora, esta é precisamente a altura em que os minimizadores indefinidos, enquanto classe, desaparecem da língua portuguesa, dando lugar à disseminação dos indefinidos negativos.

Por seu turno, o catalão *res* e o francês *rien* são produtivos nos dados contemporâneos. De acordo com Espinal (2000), Martins (2000) e Llop (2018), o *res* catalão contemporâneo encontra-se num período de transição entre um IPN fraco e um IPN forte, sendo expectável que evolua no sentido de se tornar intrinsecamente negativo, ou seja, num IPN forte. Já o *rien* do francês contemporâneo, de acordo com Martins (2000), Déprez (2011) e Hansen (2013), apresenta-se como ambíguo entre um IPN forte e um IPM (Item de Polaridade Modal), apresentando um comportamento diferente do *res* catalão. No entanto, todos os itens evoluem no sentido de se tornarem mais especializados em relação aos contextos polares em que podem ocorrer.

Conclusão

No presente artigo apresentámos dados referentes à forma medieval *rem* e mostrámos que, a par do nome comum *rem*, o Português Antigo dispunha de uma forma *rem* com interpretação não-referencial e propriedades de IPN fraco: o minimizador indefinido *rem*. Enquanto minimizador indefinido, *rem* poderia ocorrer com interpretação positiva em contextos modais e com interpretação negativa em contextos negativos, desencadeando concordância negativa.



À semelhança de outros minimizadores (indefinidos, mas também partitivos/valorativos) e dos próprios indefinidos negativos *nada*, *nenhum* e *ninguém*, *rem* também inicia o seu processo de gramaticalização, perdendo propriedades nominais e caminhando no sentido de se tornar num item mais funcional. Verificámos que, em relação às propriedades propostas em Garzonio e Poletto (2008, 2009), *rem* apresentava um grau de gramaticalização avançado, já não ocorrendo como núcleo nominal de um SD, não apresentando traços de flexão e não tendo interpretação referencial. No entanto, conservava ainda propriedades nominais, visíveis sobretudo na possibilidade de admitir modificação. Embora desapareça precocemente da língua sem se tornar intrinsecamente negativo, alguns dados apresentados apontam para o uso de *rem* como partícula de reforço da negação, em contextos em que introduz uma leitura partitiva sobre o objeto direto ou nos casos em que ocorre sem função argumental, funcionando como reforço da negação. Ao contrário do que se esperaria, a sua evolução é interrompida e *rem* desaparece da língua. Uma das possíveis causas para o seu desaparecimento é precisamente a concorrência com o minimizador indefinido *cousa* e com o indefinido negativo *nada*, numa perspectiva de competição entre gramáticas (cf. Kroch, 1989).

Finalmente, uma breve comparação com outras línguas românicas permitiu verificar que da expressão latina *res nata* resultaram itens de polaridade diferentes com percursos de evolução diferentes. Enquanto o minimizador *rem* do PA desaparece, as formas *res* do Catalão e *rien* do Francês permanecem produtivas, apresentando, no entanto, estádios de evolução diferentes.

Referências

- Ali, Said (1921) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Alibert, Lóis (1976) *Gramatica Occitana segon los parlars lengadocians*. Montpelier: Centre d'Estudis Occitans.
- Bosque, Ignacio (1996) La polaridad modal. *Actas del Cuarto Congreso de Hispanistas de Asia*. Seúl: Asociación Asiática de Hispanistas.
- Brea, Mercedes (coord.) (1996) *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro.
- Breitbarth, Anne (2014) *The history of Low German negation. Oxford studies in diachronic and historical linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- Breitbarth, Anne et al (2013). Incipient Jespersen's cycle: The (non)-grammaticalization of new negative markers. In dins Jürg Fleischer i Horst Simon (eds.) *Comparing diachronies*. Tübingen: Niemeyer. pp. 141-162.
- Brito, Ana Maria e Inês Duarte (2003) Orações relativas e construções aparentadas. In Maria Helena Mira Mateus et al (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 655-694.
- Cintra, Lindley (1983-1990) *Crónica Geral de Espanha de 1344 (edição crítica do texto português)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Vols 1-4.
- CGE= Pedrosa, Marta (2012) *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (1.ª parte)*. Relatório final de estágio de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Miranda, Sílvia (2013) *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (2.ª parte)*. Relatório final de estágio de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Castro, Ivo (1993) «Demanda do Santo Graal»; «Livro de José de Arimateia»; «Matéria da Bretanha»; «Merlim». In Julia Lanciani e Giuseppe Tavani (eds.) *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Colaço, Madalena (2005) *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extracção*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.



- Conde, Xavier. F. (1999) *Elementos Básicos de Gramática Occitana*. hades.udg.es/romaniaminor/
CTA= Sobral, Cristina (Coord.) *Corpus de Textos Antigos*. Available online at <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=home>
- den Besten, Hans (1986) Double negation and the genesis of Afrikaans. In: P. Muysken and N. Smith (eds.). *Substrata versus universals in Creole languages*. Amsterdam: John Benjamins.
- Déprez, Viviane (2011) From N to negative D: charting the time course of the historical rise of French n-words. In Sleeman, Petra and Harry Perridon (eds.) *The Noun Phrase in Romance and Germanic: Structure, variation, and change*. John Benjamins, pp. 257-280.
- DSG= Piel, J. e I. Nunes (1988) *Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Duarte, Raquel (2012) *Sintaticização e Semanticização da Partícula de Negação Rem Segundo a Abordagem Multissistêmica*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Espinal, Teresa (2000) On the Semantic Status of N-words in Catalan and Spanish. *Lingua*, 110. 557-589.
- Ferreiro, Manuel (1995) *Gramática Histórica Galega I, Fonética e Morfosintaxe*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento. 1999.
- Fitzgibbons, Natalia (2010) Freestanding n-words in Russian: a syntactic account. *Journal of Slavic Linguistics* 18, pp. 55-99.
- Garzonio, Jacob & Cecilia Poletto (2008) Minimizers and quantifiers: a window on the development of negative markers. *CISCL Working Papers*. Vol. 2. University of Siena.
- Garzonio, Jacob & Cecilia Poletto (2009) Quantifiers as negative markers in Italian dialects. In Van Craenenbroeck, Jeroen (ed.) *Linguistic Variation Yearbook 2009*. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, pp. 127-152.
- Giannakidou, Anastasia (2000) Negative ... Concord?. *Natural Language and Linguistic Theory* 18: 457-523.
- Giannakidou, Anastasia (2011) Positive polarity items and negative polarity items: variation, licensing, and compositionality. In Claudia Maienborn et al (eds.) *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, vol 2. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 1660-1712.
- Giannakidou, Anastasia e Suwon Yoon (2016) Scalar marking without scalar meaning: non-scalar, non-exhaustive Even-marked NPIs in Greek and Korean. *Language* 92(3), pp. 522-556.
- Gianollo, Chiara (2016) The Latin system of negation at the syntax-semantics interface. *Rivista di Grammatica Generativa* 38, pp. 115 – 135.
- Gianollo, Chiara (2018) *Indefinites between Latin and Romance*. Oxford: Oxford University Press.
- Hansen, Maj-Britt. M. (2013) Negation in the History of French. In Willis et al (eds.) *The History of Negation in the Languages of Europe and the Mediterranean. Vol I. Case Studies*. Oxford: Oxford University Press.
- Horn, Laurence (1989) *A Natural History of Negation*. Stanford: CSLI Publications. 2001.
- JAR= Castro, Ivo (1984) *Livro de José de Arimateia (Estudo e Edição do COD. ANTT 643)*. Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Lisboa: Faculdade de Letras.
- Jespersen, Otto (1917) *Negation in English and Other Languages*. Copenhagen: A.F. Host.
- Kroch, Anthony (1989) Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, pp. 199-244.
- Kroch, Anthony (1994) Morphosyntactic Variation. In Katarine Beals et al (eds.) *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theor*, vol 2. Chicago: Chicago Linguistic Society, pp. 180-201.
- Llop, Ares (2018) *La Reànalisi dels Minimitzadors Negatius en el Contínuum Romànic Pirinenc*. Tesi Doctoral. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Lucas, Christopher (2007) Jespersen's Cycle in Arabic and Berber. *Transaction of the Philological Society*, vol. 105:3, pp. 398-431.



- Marques, Rui (1995) *Sobre o Valor dos Modos Indicativo e Conjuntivo em Português*. Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Marques, Rui (2010) Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo. In Ana Maria Brito *et al* (eds.) *Atas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 549-565.
- Martins, Ana Maria (1997) Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas: da natureza de palavras como nenhum, nada, ninguém. In Ivo Castro (org.) *Atas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Vol. 2: Linguística Histórica e História da Linguística*. Lisboa: APL, pp. 179-210.
- Martins, Ana Maria (2000) Polarity Items in Romance: Underspecification and Lexical Change. In Susan Pintzuk, George Tsoulas e Anthony Warner (eds.) *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*. Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 191- 219.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas trecentistas (elementos para uma gramática do português arcaico)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Mettmann, Walter (ed.) (1981) *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. Vigo: Xerais de Galicia.
- O'Neill, Teresa (2011) The Syntax of ne ... que Exceptives in French. *NYU Working Papers in Linguistics* 3, pp. 199-230.
- Parry, Mair (2013) Negation in the History of Italo –Romance. In Willis, D. *et al* (eds.) *The History of Negation in the Languages of Europe and the Mediterranean*, vol I. Oxford: Oxford University Press, pp. 77-118.
- Pérez-Jiménez, I. & N. Moreno-Quibén (2012) On the syntax of exceptions. Evidence from Spanish. *Lingua* 122, pp. 582-607.
- Perez-Saldanya, Manuel (2004) La Negació i la Concordança Negativa en Català Antic. *Estudis Romànics* 26, pp. 65-84.
- Piccat, Marco (1995) *Il Canzoniere di Don Vasco Gil*. Bari: Adriatica.L
- Pinto, Clara (2015) Para a história da negação: o minimizador ‘homem’ no português antigo. *Estudos de Lingüística Galega* 7, pp. 109–123.
- Ramos, Maria Ana (2009) Transmissão e apropriação linguística na poesia medieval “ne m’en chal[t]”. *Floema – Caderno de Teoria e História Literária*, n. 5, pp. 103-125.
- Raposo, Eduardo Paiva e Matilde Miguel (2013) Introdução ao sintagma nominal. In Raposo *et al* (orgs.) *Gramática do Português*, vol I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 703-732.
- TMILG= Varela Barreiro, Xavier (dir.) (2004-): *Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. [http://ilg.usc.es/tmilg]. [12-23/12/2007]:
- Toledo Neto, Sílvio (2012-2015) Os testemunhos portugueses do Livro de José de Arimateia e o seu lugar na tradição da Estoire del Saint Graal: colação de exemplos. In Lênia Mongelli (ed.) *De Cavaleiros e Cavalarias. Por terras de Europa e América*. São Paulo: Humanitas, pp. 579-589.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (ed.) (1904) *Cancioneiro da Ajuda. Edição crítica e comentada*. 2 Lisboa: INCM, 1990.
- Willis, David *et al* (2013) Comparing diachronies of negation. In Willis, D. *et al* (eds.) *The History of Negation in the Languages of Europe and the Mediterranean*, vol I. Oxford: Oxford University Press. pp. 1-50.

